



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS – CIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MAYARA FERREIRA MARÇAL**

**DE HISTORIADOR E LOUCO “TODO MUNDO TEM UM POUCO”**

**Uma breve análise histórica da loucura: retalhos da história de Picuí-Pb – 1923 a 2009.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**JUNHO – 2015**

**MAYARA FERREIRA MARÇAL**

**DE HISTORIADOR E LOUCO “TODO MUNDO TEM UM POUCO”**

**Uma breve análise histórica da loucura: retalhos da história de Picuí-Pb – 1923 a 2009.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Jefferson Nunes Ferreira.

**CAMPINA GRANDE - PB**

**JUNHO – 2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M313d Marçal, Mayara Ferreira.

De historiador e louco “todo mundo tem um pouco” uma breve análise histórica da loucura [manuscrito] : retalhos da história de Picuí-Pb – 1923 a 2009. / Mayara Ferreira Marçal. -2015.  
29 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Prof. Me. Jefferson Nunes Ferreira, Departamento de História".

1. História. 2. Loucura. 3. Picuí. I. Título.

21. ed. CDD 616.89

MAYARA FERREIRA -MARQLL

DE HISTORIADOR E LOUCO "TODO MUNDO TEM UM POUCO"

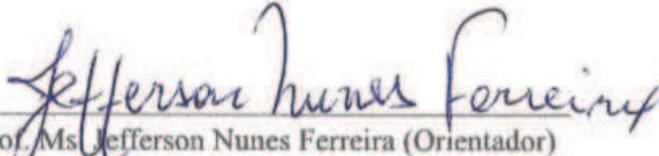
Uma breve análise histórica da loucura: retalhos da história do Pícu-Pb - 1923 a 2009.

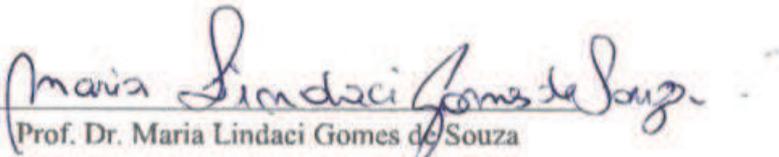
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciando (a) em História.

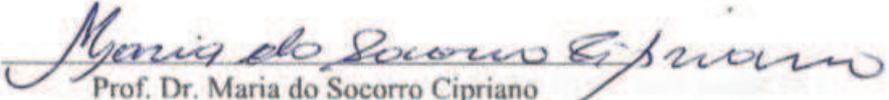
Orientador: Prof. Ms. Jefferson Nunes Ferreira.

Aprovada em: 17/06/2015

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Ms. Jefferson Nunes Ferreira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Maria Lindaci Gomes de Souza  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Maria do Socorro Cipriano  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À memória da minha vó Odaci Marçal.

Ao meu marido Eudes Diniz, pelo incentivo e  
compreensão. À minha filha Sophia, parte de mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Severino Marçal Júnior e à minha mãe Maria Ferreira Marçal, pelo apoio financeiro e por sempre acreditarem em mim.

Ao meu sogro e sogra, por ficar com minha filha para que eu pudesse assistir às aulas e orientações em Campina Grande - PB, se não fosse por eles não seria possível a conclusão deste curso.

À minha amiga, Tássia Azevedo, pela acolhida em sua casa nas minhas idas à Campina Grande.

Aos professores do curso, que dividiram seu conhecimento de forma tão brilhante, como Josemir Camilo de Melo, José Pereira Junior, Manuela Aguiar, Faustino Teatino Neto, José do Egito, Alberto Coura. Esses mestres fizeram as idas à UEPB valer a pena! À professora Socorro Cipriano, que também tive o prazer de ser aluna e aceitou fazer parte da banca, assim como à professora Maria Lindaci, que além de aluna, fui monitora durante seis meses, na disciplina de História da África e orientanda em dois PIBIC's, um sobre capoeira e outro sobre quilombo. Foram projetos fundamentais para meu desenvolvimento como pessoa e como pesquisadora.

Ao professor Jefferson Nunes por ter aceitado me orientar, quando me encontrava meio desorientada, meu mais forte agradecimento.

Ao senhor Dumas Halid Mohamed Soleiman, a dona Rosilda Bezerra de Azevedo e ao senhor Antônio Henriques da Costa, pelas entrevistas e as fotos concedidas.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio. Assim como amigos que fiz pelos corredores, do mesmo e de outros cursos, como Mirella, Maria Clara e Pablo. Assim como aos colegas Williams Cabral e Robson Oliveira, que estiveram comigo no PIBIC sobre capoeira, pois se não fossem eles não teria conseguido concluir a pesquisa. À querida, Monyke Nascimento, companheira de pesquisa no PIBIC sobre quilombo, na comunidade remanescente de Quilombo Caiana dos Crioulos.

“A loucura só existe em cada homem, por que é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta”.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a concepção de loucura foi sendo modificada ao longo das épocas. Primeiro, há uma história geral da loucura, desde a Grécia até a modernidade, sempre ressaltando a diferença entre as maneiras de ver e dizer o louco. Em seguida, tem-se uma história da Psiquiatria no Brasil, que coincide com a moderna concepção de loucura como “doença mental” e, no final, fizemos um estudo local sobre a loucura na cidade de Picuí-Pb, a partir segunda década do século XX. Neste caso, a ênfase recai sobre dois personagens curiosos da cidade: Rapsa e Chico Barroso, que possuem histórias de vida muito diferentes, mas ambas marcadas pelo emblema da loucura. Para traçarmos o perfil desses sujeitos, fizemos uso da história oral. Para dar suporte a esta História da loucura e da Psiquiatria, recorreu-se a uma bibliografia inspirada nas teses de Michel Foucault, nas obras de Jurandir Costa Freire (1944) e Vera Portocarrero (2002), além de outros documentos bibliográficos, literários e cinematográficos. Por fim, fizemos uma leitura de códigos criados para atribuir à loucura certas atitudes, interpretadas como “anormais”, e como eles serviram, muitas vezes, para controlar as ações indesejadas de sujeitos que rompiam os padrões vigentes da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Loucura. História. Picuí.

## **ABSTRACT**

This work has as main purpose to perform an analysis of how the conception of madness has been modified over the ages. First, there is a general history about madness, from Greece to the modern age, always emphasizing the difference between the ways of seeing and saying the madman. Then, we have a history of Psychiatry in Brazil, which coincides with the modern conception of madness as a mental illness and, in the end, we make a local study about madness in the city of Picuí-Pb, starting from the second decade of the 20<sup>th</sup> century. In this case, the emphasis lies on two curious characters from the city: Rapsa and Chico Barroso, who have very different life histories, but both marked by madness emblem. To trace out the profile of these subjects, we make use of oral history. In order to support this Madness and Psychiatry History, we use a literature inspired by the theses of Michel Foucault, the work of Jurandir Costa Freire (1944) and Vera Portocarrero (2002), as well as other bibliographic, literary and cinematographic documents. At last, we make a reading of codes created to assign to the madness certain attitudes, interpreted as “abnormal”, and how they were often used to control unwanted actions of individuals who broke the prevailing standards of that time.

**KEYWORDS:** Madness. History. Picuí.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I – A PERCEPÇÃO DA LOUCURA ATRAVÉS DAS ÉPOCAS.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO II – UMA BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA DA LOUCURA E DA PSIQUIATRIA NO BRASIL.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO III – RETALHOS DA HISTÓRIA DA LOUCURA EM PICUÍ.</b>	<b>19</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Na obra, *Histoire de la folie à l'âge classique* (História da Loucura na Idade Clássica), Michel Foucault (1961) ao contrário da história tradicional da Psiquiatria, que aborda o discurso sobre a loucura rumo ao seu progresso de racionalização, destaca sua “acontecimentalização”:

Acontecimentalizar a loucura implica descrever os mecanismos de poder e as tecnologias de saber que possibilitaram a emergência da verdade da doença mental por meio da análise da história da loucura; supõe, ainda, a ruptura das evidências a partir das quais pensamos ser a doença mental uma constante história ou um atributo antropológico do louco. Em *Histoire de la folie* aponta-se a precariedade da evidência de que os loucos sempre foram reconhecidos como doentes mentais (CANDIOTTO, 1997: 5).

Na passagem de *Histoire de la folie*, onde é abordado o saber filosófico clássico iniciado pelo cartesianismo, sugere-se que nesse âmbito a loucura é entendida como “desrazão”. A interpretação da passagem cartesiana elaborada por Foucault põe por terra toda a sua “história”, ou seja, a de que a verdade positiva da “doença mental” no século XIX precisa ser separada pelo acontecimento trágico da diferenciação entre loucura e razão a partir do século XVII.

Na réplica, Foucault afirma que não se pode subordinar o acontecimento histórico e múltiplo da segregação do louco pelos clássicos ou seu esquecimento pelos modernos, tomando como funcionamento um problema de interpretação da filosofia cartesiana (CANDIOTTO, 2007: 5).

O que Foucault quer salientar é a “acontecimentalização da exclusão do louco”, ou seja, o fato do sujeito considerado louco ser excluído do pensamento cartesiano. “A verdade positiva da doença mental deduzida pela psicologia objetiva do início do século XIX tem como condição de possibilidade o acontecimento recorrente de segregação do louco desde os clássicos até os modernos”. (CANDIOTTO, 2007: 5).

Foucault deixa de lado a ideia de que a loucura é um objeto *trans-histórico*. Portanto, Foucault nega a naturalidade da loucura. A loucura não existe como objeto natural, ela só existe porque uma determinada sociedade a criou.

Provavelmente, podemos dizer que a loucura “não existe”, mas isso não quer dizer que ela seja nada. Tratava-se, em suma, de fazer o inverso daquilo que a fenomenologia nos havia ensinado a dizer e a pensar; a fenomenologia que, grosso modo, dizia: a loucura existe, o que não significa que seja algo. (CANDIOTTO, 2007: 7).

A loucura existe enquanto um objeto criado e definido, mas isso não quer dizer que o conceito de loucura, elaborado em determinada época, seja absoluto para todas as outras. Já vimos que de acordo com o tempo a definição e a maneira de ver o louco se alteraram.

“[...] é inteiramente compreensível: *História da loucura* não é uma história da Psiquiatria; antes, é uma história do modo como a loucura é “percebida” em determinadas fases da cultura ocidental [...]” (CALOMENI, 2010: 3).

Foucault encontra inspiração em Nietzsche e em Bataille. Para alcançar seus objetivos, vai à busca dos “arquivos empoeirados” e se torna íntimo da "infame" palavra dos loucos. A partir deste ponto, a crítica de psiquiatras e, principalmente de historiadores, o acusa de equívocos e imperfeições no seu trabalho de pesquisa e, além disso, afirma que o que Foucault fez é literatura. Uma literatura embasada por um material ausente dos arquivos da história da Psiquiatria e alheia à triste realidade dos asilos. Mas o que Foucault faz é outro tipo de história, e em suas próprias palavras:

Não é pertinente ou justificada a acusação: a motivação para trabalhar com textos esquecidos, com arquivos empoeirados e deixados à margem, com um "material não 'nobre', [um material] 'plebeu'". (FOUCAULT, 1984: 129)

Na sua obra *Histoire de la folie*, Foucault caminha do final da Idade Média e início do Renascimento ao final do século XVIII, com o objetivo de encontrar as condições históricas que permitiram tanto o nascimento da Psiquiatria como discurso científico sobre a loucura quanto à construção do asilo como território de tratamento do louco, já no século XIX:

A Idade Clássica, o tempo em que se consolida o gesto de banimento da loucura da ordem racional, encontra em Descartes seu principal viés filosófico. *História da loucura* é deste ponto de vista, um contraponto à filosofia cartesiana que, desde a postulação da "dúvida" e do *cogito*, rejeita a loucura e a expulsa para longe do horizonte do pensamento racional: ou loucura ou pensamento (CALOMENI, 2010: 6).

O *Cogito*, condição do conhecimento, da dúvida, é negado à loucura, pois a loucura vem minar o sujeito. Segundo Foucault, ela é a única impossibilidade, em Descartes, para aceder ao conhecimento. Não por acaso, Foucault assegura que a criação do asilo concorre para a inauguração da loucura como "doença mental". O asilo, o novo lugar destinado à reclusão, diferente do *enclausuramento* destinado à exclusão e à correção, assume uma dupla função: desvelar a verdade da loucura e, ao mesmo tempo, "eliminá-la" pela cura. Ao contrário do que ocorre no Hospital Geral, no asilo, a figura do médico é fundamental (MENEZES, 2011: 30).

A Psiquiatria do século XIX é resultado do "Grande Enclausuramento", sobretudo do asilo, e não a causa da interdição do louco. Como ciência que pretende compreender e explicar a loucura, a Psiquiatria não se origina de um olhar humanista: o gesto de Pinel, um dos mitos da história da Psiquiatria, não se qualifica propriamente como humanitário e libertador:

As lendas de Pinel e Tuke transmitem valores míticos que a psiquiatria do século XIX aceitará como evidências naturais. Mas sob os próprios mitos havia uma operação, ou antes, uma série de operações que silenciosamente organizaram ao mesmo tempo o mundo asilar, os métodos de cura e a experiência concreta da loucura (FOUCAULT, 1972: 8).

Em *Histoire de la folie*, Foucault busca mostrar, as "fundações secretas", as "origens baixas" da Psiquiatria. A formação da Psiquiatria, no século XIX, deve-se muito mais à reorganização institucional do que propriamente às transformações teóricas, conceituais do discurso médico. Demonstrando as "origens baixas", Foucault se arrisca a dizer que a Psiquiatria finaliza o processo de dominação da loucura - iniciado no Renascimento e radicalizado na Idade Clássica - já que nega à loucura sua linguagem e sua capacidade produtiva de criação e participação social.

Eu pensei em escrever uma história que nunca apareceria, a dos próprios loucos. O que é ser louco? Quem o decide? A partir de quando? Em nome de quê? Esta é uma primeira resposta possível (FOUCAULT, 1972: 4).

Partindo das questões levantadas por Foucault e outros estudiosos, o principal objetivo dessa pesquisa não é simplesmente conceituar o que é loucura, mas fazer uma análise das histórias de vida de alguns sujeitos que não se enquadravam nos padrões vigentes da cidade de Picuí, a partir da segunda década do século XX, e que por este motivo eram taxados como loucos.

Picuí é uma cidade localizada no interior da Paraíba, a uma distância de 244.10 km da Capital, muito conhecida por sua riqueza em minérios, principalmente o granito, a mica, o caolin e tântalo, assim como pela festa da carne de sol. Além da história geral, este trabalho buscará realizar uma análise local, de como a loucura era entendida na cidade de Picuí – PB e como ela é percebida hoje. Daremos ênfase a dois personagens emblemáticos da cidade: Rapsa e Chico Barroso. Como quase nada foi escrito sobre eles, consideramos que foi importante traçar seus trajetos, pois essas histórias com o tempo desapareceriam para as futuras gerações, mas que através desta pesquisa estão sendo registradas, possibilitando o conhecimento de sujeitos singulares. Essas pessoas foram escolhidas por possuírem identidades curiosas, marcadas por aspectos comuns: sofrimento, violência, traumas, vícios,

doenças, e que mesmo desse modo, encontravam meios de tornar a vida mais divertida. Acabavam subvertendo as normas e eram taxados, muitas vezes, como loucos, mas será que eles eram realmente?

(...) “loucos” ou não, estes personagens foram aceitos com tolerância, protegidos espontaneamente pela população das cidades, objeto às vezes de apressos populares, motivo de risos frequentemente, mas não necessariamente de medo e inquietação, como hoje – questão que remetem imediatamente a significados no plano da cultura. De personagens pitorescos e aceitos em sua diferença, constrói-se a figura ameaçadora do doente mental” (CUNHA, 1990: 13-14).

Para alcançar nossos objetivos, fizemos uso da história oral, através de entrevistas com pessoas próximas e da família. A partir dessas análises, pretendemos fazer uma leitura de códigos criados para atribuir certas atitudes, interpretadas como “anormais”, à loucura, e como eles serviram, muitas vezes, para controlar as ações indesejadas de sujeitos que quebravam e rompiam os padrões vigentes da época. Diante disso, para uma melhor exposição da pesquisa, o trabalho foi dividido em três partes: uma história mais geral da loucura, mostrando como a loucura foi percebida em diferentes épocas históricas; uma história da loucura e da psiquiatria no Brasil e, no final, um ensaio sobre a história da loucura em Picuí – PB, já que esta última parte encaminha a pesquisa para um estudo mais aprofundado de dois personagens: Rapsa e Chico Barroso.

Portanto, o capítulo I abordará a loucura, desde a Grécia, passando pelo Medievo, o Renascimento e o período que Foucault denominou Idade Clássica (os séculos XVII e XVIII), até chegarmos à Modernidade (séc. XIX em diante), quando a loucura passou a ser reconhecida como “doença mental”. Capítulo II fará um breve panorama de emergência da Psiquiatria no Brasil, com a criação dos hospícios mais conhecidos, como o do Rio de Janeiro e o de São Paulo. O capítulo final trará a história de vida de dois personagens enigmáticos da cidade de Picuí – PB: Rapsa e Chico Barroso. Pessoas que causavam um misto de fascínio e medo nos moradores da cidade. Os capítulos são embasados numa variada fonte de pesquisa, desde literatura, memórias, crônicas, teses, artigos, monografias, revistas, periódicos online, enfim, de textos simples, a teóricos e acadêmicos, produzidos em perspectivas similares às teses de Michel Foucault sobre a loucura.

## CAPÍTULO I – A PERCEPÇÃO DA LOUCURA ATRAVÉS DAS ÉPOCAS.

Imaginamos que a loucura exista desde que o mundo é mundo e que o homem começou a caminhar sobre este planeta. Porém, o fenômeno da loucura, só começou a ser registrado nos primeiros escritos sobre o tema, com os antigos gregos. Inicialmente loucura aparece apenas como tema secundário, muito comum nas tragédias gregas, para em seguida, alcançar o protagonismo.

Na antiguidade grega, antes do século V a.C., o homem definia a loucura como "sem razão" e "insensatez", eram "distorções" ou "aberrações" da natureza atribuídas às forças e entidades conhecidas. Tudo o que acontecia na vida do homem era definido pela vontade dos deuses. A loucura seria, então, um meio que os deuses encontravam para que seus projetos ou vontades não fossem interferidos pelos homens. Portanto, a loucura era considerada obra de Zeus, de outros deuses ou de entidades subalternas da mitologia.

[...] ainda na Grécia Antiga, a loucura era considerada uma manifestação divina, e o louco era então concebido em sua excentricidade necessária e supersticiosa, ditado de certa sabedoria profética e transformadora. Não havia, portanto, a segregação dos loucos [...]" (STOCKINGER, 2007: 24).

Nas civilizações antigas encontramos a loucura inspirada pelos deuses e geradora de grandes bens. Por exemplo, diz Sócrates a Fedro que, se a loucura fosse uma desgraça, os antigos não teriam chamado a ela própria e à profecia pelo mesmo nome. Loucura e profecia, conforme os antigos inventores de nomes estão ligadas. O dom da profecia (arte divinatória) é mais nobre que o da adivinhação (investigação do futuro). Mas a loucura profética, inspirada por Apolo, é apenas uma das variantes da loucura sagrada, continua Sócrates. Há, ainda, a propiciatória, a poética e a erótica, cujos patronos são Dionísio, as Musas e Eros. (PEREIRA, 1984).

O tema da loucura é visível em algumas tragédias e comédias gregas, "na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ela é a comédia em segundo grau, o engano do engano" (FOUCAULT, 1961: 14), mas assim como Homero (Nas obras *A Iliada* e *A Odisséia*) escritores como Ésquilo, Sófocles e Eurípides, por exemplo, não pretendiam desenvolver uma teoria sobre loucura (PESSOTTI, 1994).

Talvez o louco mais célebre da tragédia grega seja Orestes, personagem central da trilogia Orestíada, de Ésquilo [...]. O louco mais típico na obra de Sófocles é Ajax. É em obras de Eurípides, porém, que a loucura chega a ser o tema central, no Orestes, no Heracles e nas Bacchae (As bacantes). (PESSOTTI, 1994: 23-24).

A loucura em Ésquilo está “entre uma concepção puramente mitológica e religiosa e um conceito que admite no próprio homem o processo causador do desvario” (PESSOTTI, 1994: 24). Na poesia de Homero e de Hesíodo, o conceito de loucura está relacionado com a vontade dos deuses sobre a vida dos humanos. Os deuses faziam uso de instrumentos, como a Moira, Atê e Erínias que confundiam e tiravam a razão dos sujeitos. Já nas tragédias o papel das divindades dá lugar aos conflitos e paixões humanas, embora uma hora ou outra algum deus possa aparecer como causador dela. (PESSOTTI, 1994).

A obra de Hipócrates (460 a.C.) se distancia muito mais do mito. Hipócrates passará a entender a loucura como desarranjo da natureza orgânica, corporal, do homem. “A concepção de loucura em Hipócrates exclui o mito, mas não a metafísica”. Pois apesar de inaugurar o “pensamento organicista” sobre a loucura, a concepção de Hipócrates é puramente especulativa. Porém, seu pensamento é inaugural e diferenciado de todos os outros discursos sobre a loucura até então analisados. Nele os deuses não eram os principais causadores do “desvario” humano. A loucura é proveniente de humores internos ligados ao corpo humano (PESSOTTI, 1994).

Na literatura erudita, a Loucura está presente, mesmo que no âmago da razão e da verdade, em obras como *O Elogio da Loucura*, escrita em 1509, por Erasmo de Rotterdam. Observando as diferentes visões da loucura, já nos gregos, podemos indagar se não há um tanto de insano no saber? Sem dúvida, a “loucura” tem algo a ver com os estranhos caminhos do saber, como nos afirma Foucault:

(...) Erasmo reserva aos homens do saber um bom lugar em sua ronda dos loucos: depois os Gramáticos, os Poetas, os Retóricos e os Escritores; depois os Jurisconsultores; em seguida, caminham os ‘Filósofos respeitáveis’ e em seguida os Teólogos (FOUCAULT, 1961: 23-24).

Além disso, não é apenas um castigo do saber, mas também um erro ou um defeito, “[...] são os avaros, os delatores, os bêbados. São os que se entregam à desordem e à devassidão; os que interpretam mal as Escrituras, os que praticam o adultério, [...] em suma, tudo que o próprio homem pôde inventar como irregularidades da conduta” (FOUCAULT, 1961: 25).

De Homero até a tragédia grega predomina um enfoque mitológico religioso da loucura. Entre os trágicos prevalece uma concepção passional, psicológica. De Hipócrates a Galeno consolida-se uma doutrina organicista da loucura. A origem da loucura, sem dúvida, é bem remota, mas é na Idade Média que a personagem do louco ou do bobo assumiu maior notoriedade. “A loucura e o louco tornam-se personagens maiores em sua ambiguidade:

ameaça e irrisão, vertiginoso desatino do mundo e medíocre ridículo dos homens” (FOUCAULT, 1961: 18).

A concepção de loucura no período medieval era marcada pela identificação do “desvario” à possessão diabólica. Essa forma de pensar tem raízes remotas na própria gênese doutrinária do cristianismo. Para tentar resumir o pensamento da época, selecionamos esse trecho:

Não se encontra um raciocínio do tipo “está possuído pelo demônio, por isso está louco”. O que se encontra, em vez disso, é a ideia de eu quem faz ou diz coisas raras, estranhas ou imorais age por obra do diabo, está possuído por ele. Em outros termos, não se afirma algo como “posseço, portanto louco”, mas “louco, portanto posseço” (PESSOTTI, 1994: 90).

Ao longo da Idade Média até a Renascença existiam na maior parte das cidades europeias lugares (im)próprios para as pessoas consideradas loucas. Nessa época, assim como na Antiguidade, a loucura também era considerada um castigo de Deus.

Com relação à Santa Inquisição da Igreja Católica, vários doentes, junto aos judeus ou quaisquer considerados como ameaçadores frente o poder institucional, eram vistos como hereges, martirizados em tribunais religiosos, quase sempre queimados nas fogueiras. (STOCKINGER, 2007: 25).

Esses “insanos” foram alojados e mantidos, financiados pelos cidadãos, mas não eram tratados: eram simplesmente deixados na prisão. Havia também a alternativa para se livrar deles, as *Narrenschiff*, barcos que os levavam de uma cidade para outra. Outra forma era entregá-los a mercadores, marinheiros ou peregrinos. Foucault chega a duas conclusões quanto ao destino deles, algumas vezes foram deixados em aldeias isoladas e recebiam apenas alimento, outras vezes, foram simplesmente jogados à deriva (FOUCAULT, 1961: 9).

Do século XV ao XX a face da loucura assombrou a imaginação do homem ocidental, e ao mesmo tempo se proliferou imagens da loucura, através de obras de arte, que geraram um verdadeiro fascínio nos homens. Como por exemplo, a *The Old Man in Sorrow* de 1890, última tela de Van Gogh pintada antes de seu suicídio (Ver ANEXO A), e a *Philippe Pinel Releasing Lunatics from Their Chains at the Salpetriere Asylum in Paris* (1795) de Tony Robert-fleury (Ver ANEXO B). A loucura fascina porque é um saber, por serem, no início, figuras misteriosas, fechadas, esotéricas. Mas sendo um saber proibido, prediz, desse modo, o reino de satanás e o fim dos tempos. “Privilégio absoluto da loucura: ela reina sobre tudo que há de mal no homem. Mas não reina também, indiretamente, sobre todo o bem que ele possa fazer?” (FOUCAULT, 1961: 28).

Entre os séculos XV e XVI o conceito de loucura passa a ser influenciado de forma híbrida pelo organicismo pneumático do galenismo e da doutrina de base das faculdades da alma, ou da mente, tirada de Platão.

A influência das categorias platônicas transparece nas duas mais famosas classificações da “alienação mental” do século XVII, a de Zacchias, publicada em 1651, e a de Felix Plater (1625) (PESSOTTI, 1994: 124).

Entre meados e final do século XVI a lepra foi controlada e os antigos leprosários perderam a utilidade. Aproximadamente três séculos mais tarde, pobres, “vagabundos e cabeças alienadas” ocuparam o lugar dos leprosos, mas num novo sentido.

Esse fenômeno é a loucura. Mas será necessário um longo momento de latência, quase dois séculos, para que esse novo espantinho, que sucede a lepra nos tempos seculares, suscite como ela reação de divisão, de exclusão, de purificação que, no entanto, lhe são aparentadas de uma maneira bem evidente. (FAULCAULT, 1961: 8).

Apesar do século XVII encaminhar a humanidade para uma abordagem mais científica da loucura, no período do Iluminismo, a repressão religiosa à loucura cede espaço a uma segregação de caráter econômico. Foi nesse momento que surgiu uma nova tendência, a de identificar a “insanidade” ou loucura com o “delírio” (PESSOTTI, 2007: 133).

A loucura, cujas vozes a Renascença acaba de libertar, cuja violência porém ela já dominou, vai ser reduzida ao silêncio pela era clássica através de um estranho golpe de força (FOUCAULT, 1961: 45).

Esse estranho golpe de força pode ser entendido como a criação do internamento, ou seja, do “Grande Enclausuramento”. Foi criado em 1656, através de um decreto, o Hospital Geral de Paris, local destinado aos pobres de Paris, desempenhando ao mesmo tempo um local de assistência e repressão, segundo o próprio Foucault. De acordo com ele, “o classicismo criou o internamento, assim como a Idade Média a segregação dos leprosos” (FOUCAULT, 1961: p. 53). Criou-se também a oposição entre o bom e o mau pobre. Todo interno era colocado no campo dessa validade ética. O bom era aquele que aceitava e agradecia o internamento, o mal era aquele que o rejeitava.

Durante muito tempo “os Hospitais Gerais servirão para colocação dos desempregados, dos sem trabalho, e vagabundos” (FOUCAULT, 1961: 67). Durante os períodos de crise, o internamento passou não só a acolher os sem trabalho, como oferecer trabalho aos que não tinham. Tudo isso num sentido mais moral do que do lucro. “Não se esperou o século XVII para “fechar” os loucos, mas foi nessa época que se começou a interná-los” (FOUCAULT, 1961: 73).

Durante o século XVII foram criadas inúmeras casas de internação, primeiramente na Europa, para em seguida, se espalharem para o resto do mundo. “(...) o Hospital Geral é um estranho poder que o rei estabelece entre a polícia e a justiça, nos limites da lei: é a terceira ordem de repressão” (FOUCAULT, 1961: 50). A igreja não ficou estranha a esse movimento:

Ela reforma suas instituições hospitalares, distribui os bens de suas fundações; cria mesmo congregações que se propõem a atividades análogas aos hospitais gerais (FOUCAULT, 1961: 51).

Durante muito tempo foi nos antigos conventos que se estabeleceram os asilos da Alemanha e da Inglaterra. Quando se criou o Hospital Geral de Paris, pensava-se, sobretudo no fim da mendicância, mas acabou sendo uma solução para o grande número de desempregados e um estímulo para o aumento das manufaturas. “O Hospital Geral deve impedir ‘a mendicância e a ociosidade como fonte de todas as desordens’, Bourdaloue faz eco a essas condenações da preguiça, miserável orgulho do homem” (FOUCAULT, 1961: 72). Portanto, na Idade Clássica, o hospício apresentou uma função diferente da que ele ocupa hoje. Os Hospitais Gerais e as Santas Casas abrigavam todos os necessitados de cuidados: como os leprosos, as prostitutas, os loucos e até os criminosos. Todos, muitas vezes, numa mesma ala. Esses locais não tinham a função de medicalização.

O século XVII pode até ter encaminhado a humanidade para uma percepção mais “científica” da loucura, mas é somente a partir do século XVIII que o conceito de loucura passou por mudanças importantes. Durante esse período a “etiologia diabólica” vai sendo deixada para trás, explicações mais abstratas também perdem credibilidade e uma análise mais metódica e empírica passa a ser valorizada. A partir do pensamento de Philippe Pinel (1745-1827), no seu *Tratado Médico Filosófico sobre a Alienação Mental*, ou *Traité* é que essas novas tendências serão organizadas com teorias e terapias novas. Essa obra inaugura a Psiquiatria como especialidade médica (PESSOTTI, 2007).

Em suma, a concepção teórica de Pinel é que:

(...) a loucura é entendida como comprometimento ou lesão fundamental no intelecto e da vontade, e se manifesta no comportamento do paciente, nos sintomas, sob as mais variadas formas. Mas formas muito diferentes entre si podem ter em comum o fato de refletirem um determinado tipo de lesão da vontade ou do juízo (PESSOTTI, 1994: 146).

No entanto, essa ordenação exigia constante e longa observação do comportamento de vários pacientes. A observação de Pinel voltava-se principalmente para as “desordens

apetitivas” em relação à sexualidade dos pacientes considerados loucos. Por isso sua técnica ficou conhecida como moralista. Para Pinel, a loucura nada mais seria do que a lesão das funções mentais. Mas a loucura também se apresentava caracterizada por alterações de outras funções. (PESSOTTI, 1994: 156). Para ele, a causa da loucura seria a imoralidade, entendida como excesso do desvio. Jean Etienne Esquirol (1772-1840) foi considerado o sucessor mais brilhante de Pinel. Ele “acentua a crença na exclusividade do manicômio como centro para o tratamento de transtornos mentais” (STOCKINGER, 20017: 26).

Há multiplicidades de classificações da loucura durante o século XIX, apontando para a dificuldade teórica de defini-la de modo inequívoco. “O século XIX aceitará e mesmo exigirá que se atribuam exclusivamente aos loucos esses lugares nos quais cento e cinquenta anos antes se pretendeu alojar os miseráveis, vagabundos e desempregados” (FOUCAULT, 1961: 73). O internamento, no início do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura foi percebida mais em relação à conduta “regular e normal” do que relacionada ao “erro”. “Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir [...] em vez de se inscrever no eixo verdade-erro-consciência, se inscreve no eixo paixão-vontade-liberdade [...]” (PEREIRA, 1979: 121).

O que vale salientar é que o conceito de loucura é visto de diferentes modos pelos povos de épocas distintas. Não podemos dizer que nenhum pensamento é mais correto que o outro. A loucura como doença e o surgimento da psiquiatria como especialidade médica é recente na história da humanidade - aproximadamente 200 anos. Hoje em dia o sujeito considerado louco não é mais totalmente excluído da sociedade como antes, ao contrário, agora ele deve ser inserido como sujeito propício a se relacionar “normalmente”, como qualquer um. O modo de ver e tratar a louco vai se modificando de acordo com o tempo.

Até aqui vimos como as diversas épocas pensaram a loucura. Dos gregos, passando pela Idade Média, e pelo Grande Enclausuramento do século XVII, até à concepção científica da loucura como “doença mental”, exemplificadas por Pinel e Esquirol. No capítulo seguinte, examinaremos trazendo para o contexto brasileiro, essa abordagem mais científica da loucura (do séc. XIX em diante), tendo como campo de pesquisa e análise os Hospícios ou Hospitais e Clínicas Psiquiátricas que foram criados no Brasil, chefiados pelo psiquiatra, ou como diria o séc. XIX, o alienista.

## **CAPÍTULO II – UMA BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA DA LOUCURA E DA CRIAÇÃO DOS HOSPÍCIOS NO BRASIL.**

No Brasil, até a segunda metade do século XIX, não havia ainda nenhuma especialidade médica que atendesse os sujeitos considerados loucos: os ricos eram mantidos isolados em suas casas, longe dos olhares curiosos, enquanto os pobres andavam pelas ruas ou viviam trancados nos porões das Santas Casas da Misericórdia.

(...) o tema da loucura era um item, e dos menos importantes, numa pauta que incluía a questão dos esgotos, dos matadouros e cemitérios, das terríveis habitações coletivas da classe pobre, da sífilis, da prostituição – da higiene e da modernização das cidades (CUNHA, 1990: 16).

A partir de 1830, um grupo de médicos, a maioria higienistas, influenciados pelos ideais dos franceses Pinel e Esquirol, que contagiaram a recém criada Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, se mobilizou e começou a reivindicar em torno do lema: "Aos loucos, o hospício!". Sensibilizado pelas denúncias e impressionado com os gritos dos loucos vindos dos porões da Santa Casa da Misericórdia, D. Pedro II assinou, em 1841, o decreto de criação do Hospício D. Pedro II, em sua homenagem (CUNHA, 1900).

A construção do primeiro hospital psiquiátrico do Brasil foi aprovada através do Decreto nº 82 em 18 de julho de 1841, mas sua inauguração só viria acontecer em 1852. Nesse período o “doente mental” era associado ao indivíduo “baderneiro” (STOCKINGER, 2007). Era considerado necessário um lugar específico para abrigar os loucos dos principais centros urbanos do país, a preferência era para os locais o mais afastado possível. Os loucos recolhidos da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, local considerado impróprio e custoso, foram levados para o novo hospício.

A direção do Hospício D. Pedro II, porém, permaneceu confiada aos religiosos da Santa Casa. Os médicos congregados na Academia Imperial de Medicina começaram a reivindicar para si a competência para lidar com as manifestações da loucura, e dedicaram-se a conferir a esta o status de “doença”. Apenas em 1881, o médico generalista Nuno de Andrade assumiu a direção da instituição. Em 1886, ele foi substituído por Teixeira Brandão, sendo o primeiro médico psiquiatra a ocupar o cargo da instituição (COSTA, 1944).

Tudo leva a crer que, especialistas neste tipo de “doença” eram inexistente antes da década de 80 no Brasil. Seu aparecimento no cenário brasileiro coincide, aliás, com a obra “O Alienista” de Machado de Assis, publicado entre final de 1881 e início de 1882. (CUNHA, 1990). Nesta obra, além de outras coisas, Machado de Assis faz uma crítica ao método do

alienista Simão Bacamarte, que depois de colocar um quinto da cidade de Itaguaí dentro do hospício denominado Casa Verde, termina ele mesmo preso no lugar dos “loucos” que lá se encontravam. No conto, Machado faz vir à tona a semelhança entre a instauração do regime republicano e a legitimação da psiquiatria.

Após a instauração da República, em 1890, o Hospício D. Pedro II foi desanexado da Santa Casa da Misericórdia, por meio do Decreto nº 142-A. A partir de então, passou a ser denominado Hospital Nacional de Alienados, recebendo cada vez mais gente que vinha de todo o Brasil. Em 1899, durante o governo Campos Sales, a assistência psiquiátrica sofre cortes consideráveis no orçamento e começa a época do declínio. Em 1902, no governo Rodrigues Alves, há uma reformulação da assistência psiquiátrica e Juliano Moreira é nomeado como o diretor do Hospital Nacional. Sob sua influência é promulgada a primeira Lei Federal de Assistência, em 1903 (COSTA, 2006: 34-35).

Por causa da superlotação de mulheres, foi criada pelo Decreto de 11 de julho de 1911 a Colônia de Alienadas em terreno cedido pela Marinha. O primeiro diretor da Colônia foi o alienista Dr. Simplicio de Lemos Braule Pinto. A Colônia tinha como objetivo inicial receber exclusivamente pacientes do sexo feminino que seriam transferidas do Hospício Nacional de Alienados.

Em 1927 é criado o Serviço de Assistência aos Doentes Mentais do Distrito Federal, que a partir de 1930 assume todos os serviços psiquiátricos do país [...]. Em 1934, o Decreto nº 24.559, promulga a segunda Lei Federal de Assistência aos Doentes Mentais [...]. Entre a data de promulgação da lei e os primeiros protestos contra a situação da assistência aos loucos no Rio, escoou-se aproximadamente um século” (COSTA, 2006: 35).

Estas não foram as únicas instituições do gênero do país durante o período. No mesmo ano do Hospício D. Pedro, foi inaugurado o Hospício de São Paulo, e logo em seguida instituições semelhantes surgiram em Recife, Salvador, Belém, Porto Alegre e outras cidades. (CUNHA, 1990). A cidade de São Paulo foi o primeiro grande laboratório do “asilamento científico” no Brasil, com a fundação do Hospício de Juquery. Seu fundador foi o Dr. Francisco Franco Rocha, considerado como uma espécie de Pinel brasileiro (CUNHA, 1990). O Juquery começou a funcionar com sua forma definitiva em 1903.

“O antigo hospício paulista, criado em 1852 – no mesmo ano que o Hospício D. Pedro II - abrigava apenas indivíduos pobres e tidos como perigosos. Todo tipo de loucura ‘mansa’ estava pelas ruas, incorporado aos hábitos e às paisagens do cotidiano. A história desse hospício velho – menor, com menos recursos e aparentemente vestido de uma dose maior de violência em suas rotinas cotidianas – indica a pouca atenção do tema da loucura” (CUNHA, 1990: 44).

Diversas críticas questionavam o cotidiano e o modelo assistencial desses hospícios. A superlotação fez com que o atendimento piorasse e as instalações ficassem descuidadas, iniciando uma história de decadência. Os cinco anos que antecedem a passagem para o século XX são marcados pelo caos administrativo. Nesse mesmo período foi instituída a Assistência Médico Legal aos Alienados e integradas ao Hospício Nacional, as Colônias de São Bento e a Colônia de Conde de Mesquita, as duas para pacientes do sexo masculino, na Ilha do Galeão, atual Ilha do Governador. As Colônias tinham por principal objetivo tentar resolver os problemas de superlotação dos hospícios (CUNHA, 1990).

O Colônia, como ficou conhecido o maior hospício da cidade mineira de Barbacenas, foi fundado em 12 de Outubro de 1903. Fazia parte de um grupo de sete instituições psiquiátricas construídas na cidade que, segundo alguns, por esse motivo recebeu o apelido de "Cidade dos Loucos".

Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos [...], a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães, solteiras, alcoolismo, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todo tipo de indesejados, inclusive os chamados de insanos. (ARBEX, 2013: 26).

Em 1930 tem início o período de superlotação da unidade e uma história de extermínio começou a surgir. Três décadas depois, o local que foi projetado para 200 pacientes, já havia cerca de 5 mil. Aproximadamente 60 mil pessoas perderam a vida no Colônia. Foi somente em 1980 que a influência da reforma psiquiátrica no Brasil começou a chegar à cidade de Barbacenas e o quadro desastroso foi, aos poucos, se modificando (ARBEX, 2013).

A história da psiquiatria na Paraíba tem como marco a inauguração do primeiro hospital exclusivo para pacientes psiquiátricos, o “Asylo de Sant’Anna”, localizado na zona rural. Os primeiros internos foram trazidos da Cadeia Pública da Capital. Entre os anos de 1877-1879 um grande número de pessoas foi internado no hospital, por causa da grande seca que assolou a região do Nordeste naquele período. Entre os anos de 1906 e 1910 os gestores da Santa Casa da Misericórdia da Paraíba começaram uma onda de protestos que denunciavam as condições das pessoas que viviam naquele local (SILVA, 2014).

A reforma do Hospício de Pedro II, em 1903, baseia-se nos novos princípios da psiquiatria do século XX, quando a terapia não está mais relacionada ao “princípio do isolamento”. Os psiquiatras pretendem transformar "doentes excitáveis em trabalhadores

tranquilos". Para atingir essa meta, as principais providências tomadas foram a retirada das grades, a negação das camisas-de-força e o fim das células de isolamento (PORTOCARRERO, 2002).

Posteriormente, a exemplo de alguns países europeus, surgiram entre 1910-1920 as colônias agrícolas, que seguiram a filosofia de estimular o “doente” a trabalhar no campo para reduzir o ônus que o Estado tinha para com este doente, além da intenção de curá-lo e reintegrá-lo através de uma perspectiva agropecuária. Juliano Moreira propunha, então, na época, a criação do sistema de assistência heterofamiliar [...]. Tal modelo fracassou assim como tais colônias se mostraram ineficientes [...] (STOCKINGER, 2007: 28).

A eliminação de tais medidas de força não significa, contudo, uma diminuição da repressão do “alienado” no hospício. Ela representava apenas uma maneira de torná-la mais “científica”, e de exercê-la de forma muito mais útil, sob a forma de “clinoterapia”, ou seja, do repouso no leito e nos banhos hidrelétricos de temperatura controlada, que eram um calmante para subjugar qualquer rebeldia daqueles que estão sendo observados (PORTOCARRERO, 2002).

A clinoterapia é uma das técnicas médicas de tratamento mais restritivas da liberdade do doente em termos de espaço. Quando ela é indicada, o doente deve permanecer no leito, mesmo contra sua vontade, devendo ser forçado com o uso de medicamentos, ou até manualmente, pelos enfermeiros (PORTOCARRERO, 2002: 124-125).

A passagem do século XIX para o XX é significativa para a história da psiquiatria no Brasil, pois representa uma mudança na atitude dos psiquiatras brasileiros. Eles começaram a participar dos debates científicos no estágio em que se encontravam na Europa em fins do século XIX. As novas questões mais discutidas nos meios psiquiátricos europeus passaram a ser alvo de atenção: a influência da civilização na produção de doenças mentais, a importância da educação, as degenerescências, os diferentes modos de assistência. Retoma-se o questionamento radical da psiquiatria de Pinel, que havia levado à reformulação da concepção de “doença mental”, numa tentativa de resolver certas contradições que marcavam a ambiguidade desse saber (PORTOCARRERO, 2002).

É importante ressaltar que a prática psiquiátrica do século XX se baseava fundamentalmente na divisão da população em “normais e anormais”, exatamente na época em que se estabeleceu no Brasil a visão de população como força de trabalho. Tal força não poderia ser perdida, mas antes deveria ser normalizada, assistida, sendo os “anormais” considerados “degenerados”, que necessitavam de tratamento especial para se transformarem em elementos úteis à sociedade. Surge assim a concepção de “doenças sociais”, ou seja,

doenças que representavam risco para a manutenção da ordem social e por isso atrapalhavam o desenvolvimento do país e por isso passaram a ser consideradas como “endemias sociais”: por exemplo, alcoolismo, epilepsia, sífilis. (PORTOCARRERO, 2002: 113).

O conceito da “anormalidade” como uma forma de psicopatologia é como um modo de justificar em termos médicos as tentativas de submetê-los ao poder disciplinar, viabilizando a inserção da criminalidade e de tudo o que possa a ela estar ligado ao domínio da psiquiatria. Todo indisciplinável, e não só o “louco”, passa a ser considerado do ponto de vista da “doença” (PORTOCARRERO, 2002: 39).

Dentro desse contexto, o movimento de “higiene mental” surgiu com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada no Rio de Janeiro, em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel. A Liga tinha como objetivo primordial a melhoria na assistência aos “doentes mentais”, através da modernização do atendimento psiquiátrico. A maioria dos psiquiatras da Liga acreditava na existência no mito da ciência psiquiátrica universal. Isso fez com que ao adotarem a noção de *prevenção eugênica* nascida da Psiquiatria alemã, acabaram proliferando ideias antiliberais, moralistas, racistas, xenofóbicos, portanto muito similares aos dos nazistas (COSTA, 2006).

A partir de 1931 observou-se uma modificação na maneira de conceber a aplicar as medidas eugênicas e começou a surgir uma tendência de atribuir a noção de melhoria e aperfeiçoamento através da “raça”. “Os atributos dos indivíduos não-brancos, negros, amarelos ou mestiços foram assim considerados patológicos em si, e o único remédio neste nível era o saneamento racial proposto pela eugenia”. Incluindo aí o preconceito de nacionalidade e cor (COSTA, 2006: 52).

Em 1931 o alcoolismo também passa a ser alvo dos “purificadores sociais”. O projeto de reformatórios para alcoólatras surge da concepção de que todo “degenerado” pode ser recuperado, e deve, portanto, ser assistido de acordo com as suas particularidades e não de forma indiferenciada, misturando-o aos “verdadeiros doentes mentais” nos manicômios. De acordo com o pensamento da época o álcool contribuía com a mais elevada taxa de fatores de produção dos distúrbios psíquicos. Os alcóolatas não seriam necessariamente loucos, mas apresentavam distúrbios psíquicos, não recebendo “tratamento adequado”, e deveriam ir para reformatórios. (PORTOCARRERO, 2002).

Nas décadas de 1940 e 1950, presenciou-se uma grande ocorrência de tratamento institucional à base de “eletroconvulsoterapia e lobotomias” e a eugenia estendia tais presunções à melhoria da “raça” tanto física quanto mental (STOCKINGER, 2007).

Se a doença mental era transmitida hereditariamente, a única prevenção logicamente possível era o extermínio físico ou a esterilização sexual dos indivíduos doentes. O espaço teórico da época não permitia a formação de outra ideia de prevenção que não fosse esta (COSTA, 2006: 26).

Os psiquiatras acreditavam que a degradação moral e social do Brasil era causada pelos vícios da ociosidade e da miscigenação racial do povo. “A eugenia fundamentava-se racionalmente na Psiquiatria organicista [...] A atitude preventiva transformou a psiquiatria em veículo de propaganda ideológica do nazismo” (COSTA, 2006: 27-28).

Eugenia é um termo inventado pelo fisiologista inglês Galton para designar “o estudo de fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente” (COSTA, 1944: 33 *apud* PEQUIGNOT, 1970: 73).

Inicialmente a eugenia servia exclusivamente para “prevenir as doenças mentais”. Este ponto de vista apoiava-se na noção de herança genética da doença mental, defendida pela Psiquiatria organicista da época. A propaganda eugênica do Brasil solidificou-se justamente quando a psiquiatria alemã começou a propagar sua nova concepção de noção de eugenia. Seu objetivo era preservar as gerações futuras das doenças de seus ascendentes, mesmo que para isso fosse preciso o uso de esterilização e, em último caso, do extermínio dos indivíduos “degenerados” (COSTA, 2006).

O estabelecimento de ambulatórios em hospitais passa a ser recomendado dentro de uma política de educação da população para prevenção das moléstias, por meio da divulgação dos conhecimentos de higiene.

Sua função, de acordo com documento de 1924, redigido por Rodrigues Caldas - 'O fim das velhas colônias da Ilha do Governador e suas transferências para a nova colônia no continente. Colônia de Alienado' -, indica uma correspondência com o ideal da eugenia, principal justificativa da criação do ambulatório. Mais do que proporcionar assistência aos moradores da região, caberia ao ambulatório da colônia propagar conselhos de higiene. Nas primeiras décadas do século XX, o ambulatório é planejado no âmbito da eugenia, então um dos principais fatores para a implantação de um sistema de assistência médica; é considerado um importante fator de aprimoramento eugenético da população. (PORTOCARRERO, 2002: 137).

Por fim, uma série de medidas de prevenção contra a “doença mental” começou a ser efetivada nas Forças Armadas, juntamente com a campanha antivenérea e antialcoólica, que os psiquiatras se empenharam em defender, inclusive nos meios militares, reforçou ainda mais a função disciplinar que a prática psiquiátrica do século XX começou a exercer sobre toda a sociedade. (PORTOCARRERO, 2002).

Este novo sistema provocou um deslocamento do território da psiquiatria, que no século XIX só se dirigia ao “doente mental”, para diversos espaços asilares, como a colônia

agrícola e o manicômio judiciário, e mesmo não asilares, como a assistência familiar e o ambulatório, criadas para assistir ao outro tipo de população, que é “a população dos desviantes, alcoólatras, sífilíticos, epiléticos, delinquentes, diferenciados dos doentes mentais propriamente”. Enquanto, no século XIX, a terapia se impôs através de medidas fortes de repressão, no século XX o “doente” deveria ter a ilusão de liberdade, a qual o tranquilizava, deixando-o menos rebelde e mais suscetível à ordem disciplinar que a terapia visava, reforçando a relação da psiquiatria com a ideia de “homem normal”, trabalhador tranquilo, força produtiva. Na prática, essa mudança corresponde ao novo projeto de “normalização e medicalização da população” (PORTOCARRERO, 2002).

Como o espaço nos hospitais psiquiátricos eram cada vez mais escassos, surgiram no Brasil várias instituições psiquiátricas particulares. Os hospitais psiquiátricos privados foram especialmente nos anos setenta e oitenta, verdadeiras “máquinas de ganhar dinheiro”. Já no final dos anos setenta e ao longo dos anos oitenta, a crítica ao modelo assistencial tradicional vigente explodiu no Brasil, particularmente em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e esses hospitais diminuíram, mas não deixaram de existir (GOULART, 2006).

Ocorre no Rio de Janeiro em 1987 a realização da I Conferência Nacional de Saúde Mental, um marco histórico na psiquiatria brasileira; a criação do Centro de Atenção Psicossocial Professor Luiz Cerqueira, em São Paulo, no mesmo ano; a intervenção, em 1988, na Casa de Saúde Anchieta, e, em 06 de abril 2001, houve a aprovação da Lei 10.216 de Paulo Delgado, que busca realizar um tratamento mais humanizado, transformando os antigos modelos de tratamentos aos pacientes em portadores de sofrimento mental num novo estatuto social para o “louco” (CARVALHO, 2009: 3).

O Movimento de Luta Antimanicomial passou, desde o final da década de oitenta, a ter papel fundamental no processo de mudança na área da “saúde mental”. A Lei Antimanicomial nº 10216, de 6/4/2001, sobre a humanização da assistência, a gradativa desativação dos manicômios e a implementação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que, junto com os Serviços Residenciais Terapêuticos, são parte integrante da Política de Saúde Mental do Ministério da Saúde. O papel fundamental da reforma psiquiátrica é desmistificar o “diferente” buscando reconhecê-lo e conviver com ele sem necessitar excluí-lo (CARVALHO, 2009).

“Os textos normativos brasileiros recentes [...] trabalham com uma terminologia que traduz os doentes mentais como usuários dos serviços de saúde mental. Assim, se tínhamos anteriormente pacientes que eram objeto, passivo, de ações técnicas ou terapêuticas, agora, a pretensão é de que esses sujeitos existam na condição de cidadãos, que demandam e usufruem serviços ofertados por agências públicas” (GOULART, 2006: 5).

Trata-se de um fenômeno associativo de caráter mobilizador e reivindicador que uniu profissionais de saúde mental. O Movimento de Luta Antimanicomial tem como objetivo o fim dos manicômios, “entendidos aqui como metáfora a todas as práticas de discriminação e segregação daqueles que venham a ser identificados como doentes mentais e todas as pessoas que sejam vítimas de exclusão e violência” (GOULART, 2006: 12).

Em nível nacional, foi apresentado, em 1989, o Projeto de Lei nº 3657, que passou a ser conhecido pelo nome de seu proponente, o deputado federal Paulo Delgado, do Partido dos Trabalhadores. O Projeto previa, em quatro claros e breves artigos, a “extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais” (1989) e regulamentava a internação psiquiátrica compulsória. Este projeto praticamente reproduzia a Lei italiana de 1978, chamada genericamente de Lei Basaglia. Em nível estadual, este chamado Projeto Paulo Delgado, se desdobrou em várias propostas locais encaminhadas pelo Movimento Antimanicomial nas respectivas Assembleias Legislativas Estaduais (GOULART, 2006: 13).

A reforma psiquiátrica passou a ser uma tentativa de dar ao problema da loucura outra resposta social, não asilar, evitar a internação como destino e reduzi-la a um recurso eventualmente necessário, agenciar o problema social da loucura de modo a permitir ao louco manter-se, nas sociedades sociais de nosso tempo. De 1980 até os dias de hoje vemos os efeitos da chamada Reforma Psiquiátrica Brasileira em todas as cidades do Brasil, com a criação dos Caps. “Tendo como marcos iniciais o Caps Professor Luís da Rocha Cerqueira, em São Paulo (1987), e o Núcleo de Atenção Psicossocial em Santos (1989), que serviram de referência para vários outros projetos ao longo do país” (STOCKINGER, 2007: 58).

A partir dessa análise da história da loucura e dos primeiros hospitais psiquiátricos criados no Brasil, é possível perceber o quão tardio foi esse movimento no país. Enquanto na Europa já havia esses lugares de internação, desde o século XVII, foi apenas dois séculos depois que o primeiro exemplar do tipo foi construído no Brasil. Em Picuí, foi somente com a construção do Caps, em 2009, que um local de assistência médica psiquiátrica passou a existir na cidade. Antes disso, havia apenas um grupo que se reunia semanalmente, desde 2006.

No capítulo seguinte, fizemos um estudo sobre quatro personagens ilustres da cidade de Picuí – PB: Paulino “doido”, Capitão Rabo de Galo, Chico Barroso e Rapsa. Os três primeiros através de retalhos retirados de alguns livros sobre a história da cidade. Desses quatro personagens, a ênfase recai sobre os dois últimos: Chico Barroso e Rapsa. Histórias de vida, que carregaram estigmas e preconceitos sobre suas personalidades. No todo, foram figuras emblemáticas, que até hoje estão presentes na memória de vários picuienses.

### CAPÍTULO III – RETALHOS DA HISTÓRIA DA LOUCURA EM PICUÍ.

Como já foi dito antes, muito pouco foi escrito sobre a história da loucura na cidade de Picuí – PB, fato que aumenta consideravelmente a dificuldade desta pesquisa. Heleno Henriques de Araújo, filho de Picuí, dedicou algumas poucas páginas, em seus livros, aos “loucos engraçados do lugar”, como por exemplo, Paulino “doido”, como ficou conhecido. Paulino era descendente de família de classe média. Casou-se com a filha de um fazendeiro, que ao morrer, deixou de herança uns pedaços de terras. Quando começou a envelhecer, foi enlouquecendo até abandonar completamente os serviços da fazenda (ARAÚJO, 1983).

A sua roupa era fantasiosa, coberta de fitas das mais variadas cores, parecendo mais um general fracassado do Exército do ditador Idi Amim. Aquela vestimenta dava um colorido singular aquele cenário de pessoa humana com o juízo fora do lugar. Por onde ele passava distribuía doidices e alegrias as pessoas que tentavam falar com ele. Era um circo ambulante, o meu amigo Paulino Doido. Muitas vezes, ele tirava a pé da minha cidade, até o Ceará, onde ia visitar periodicamente a terra de São Francisco do Canindé. Uma pena, a loucura do homem da fazenda de Simeão (ARAÚJO, 1983: 56).

Certa vez, Paulino chamou um padre novo e bem afeiçoado para celebrar uma missa em sua fazenda. Nessa ocasião, começou a sentir ciúmes do padre com sua esposa, imaginando que eles poderiam ter um caso. A missa acabou se transformando em escândalo e ele ficou bastante conhecido por causa desse fato. Os moleques na rua gritavam, para perturbá-lo: “Paulino, cadê o padre?”. Ele respondia: “está na casa da sua mãe, filho da égua!”. Além dessa, outras ocasiões comprovam a loucura de Paulino:

Um dia, resolvi entrar em entendimento para comprar pedaços de terras, próximo a fazenda de Paulino. Ao chegarmos lá, eu e o seresteiro Chico Agrião, o Paulino doido correu para cima de nós, com uma enorme e afiada foice de cortar jurema, para cima da gente, dizendo: “em terra de Compadre Cecílio, cabra de fora não entra não! – corri de medo, mas o negrão tocador de trombone dominou o doido, tomando-lhe a foice afiada [...] (ARAÚJO, 1991: 198).

O autor ainda cita outra ocasião que comprova a falta de juízo deste personagem. Mas as informações nesses livros, em se tratando dos personagens loucos, são resumidas e superficiais. Não entra em detalhes, como data de nascimento e nome dos pais, por exemplo. Como as fontes documentais escritas são muito escassas, nossa única opção foi recorrer ao uso da História oral, através de entrevistas, como fonte principal. Selecionamos três pessoas para entrevistar: seu Antônio Henriques Neto, seu Dumas Halid Mohamed Soleiman e dona Rosilda Bezerra de Azevedo. O primeiro, por ser o poeta mais antigo da cidade e por conhecer várias histórias. O segundo, por ser irmão de uma das personagens analisadas no trabalho: Rapsa. A terceira, por ser sobrinha e ter convivido com o outro personagem, Chico

Barroso. O uso das entrevistas possibilitou descobrirmos histórias que seriam perdidas e esquecidas com o tempo.

A primeira entrevista foi feita com o senhor Antônio Henriques Neto, considerado o poeta mais experiente e ilustre da cidade de Picuí – PB, que já se encontra com seus 92 anos, mas possui uma memória que, apesar das falhas comuns da idade, ainda surpreende. A entrevista foi realizada no dia 12 de Maio, em sua residência e durou aproximadamente uma hora. Além da história dos loucos, conversamos sobre variados assuntos. Toda conversa serviu para conhecer um pouco sobre a história de Picuí e seus personagens mais conhecidos da época de moço do entrevistado, que coincide com a época em que os personagens analisados neste trabalho viveram, ou seja, a partir da segunda década do século XX. O trecho que mais chamou atenção foi esse em que ele diz: “Eu gosto muito de conversar com doido e bêbado. Por que o doido e o bêbado sempre tem uma coisa certa pra dizer, não é?” (HENRIQUES NETO, 2015).

As informações colhidas através desta entrevista levam a crer que Chico Barroso (Ver ANEXO C) ficou muito conhecido na cidade por causa das “doidiças” e das “marmotas” que ele fazia em público. Além disso, ele comia todo tipo de porcaria que lhe ofereciam. Fato bastante conhecido, o dia em que um detento da antiga cadeia da cidade, que nessa época tinha ainda uma janela que dava aos presos acesso à rua, ofereceu um pão com fezes a Chico, dizendo que era pão com queijo. O coitado levou para casa e pediu para que a mãe fizesse um café pra ele tomar com aquele pão. A mãe sentiu um odor estranho, mas achou que era ele que havia feito suas necessidades na roupa. Quando ela foi perceber, Chico já estava comendo o pão cheio de fezes. Há relatos ainda, que houve um dia em que ele chegou a comer uma lagartixa viva, na cidade de Frei Martinho (HENRIQUES NETO, 2015).

Além dele, algumas outras figuras nos foram apresentadas na casa do senhor Antônio Henriques, que possui um álbum de fotografias com algumas imagens que interessam ao nosso estudo. Como por exemplo, a de um personagem que ficou conhecido como Capitão Rabo de Galo (Ver ANEXO D), muito famoso por usar uma roupa que lembrava uma autoridade e fazer discursos em praça pública, com tanta eloquência que podia convencer um desavisado de que ele era o prefeito da cidade.

[...] era um cidadão franzino, pequenino, de formação física muito frágil [...] (ARAÚJO, 1991: 193). [...] ele usava uma farda velha da marinha e todo dia, dava expediente na prefeitura, fardado. Quem desobedecesse, ele tirava o facão velho da cintura, do tipo rabo de galo e ameaçava as pessoas. Era um porteiro fantasmagórico (ARAÚJO, 2008: 93).

Com toda sua indumentária não fazia mal a ninguém, mas corria atrás dos garotos que implicavam porque ele possuía uma ferida na perna direita que nunca sarava. Os meninos gritavam: “Capitão rabo de galo, cadê a loja?”, fazendo referência à perna. Isso o deixava enfurecido, ao ponto de jogar pedras nos garotos (ARAÚJO, 1991). De acordo com seu Antônio Henriques, era muito comum, famílias bem abastadas adotarem “doidos” como criados, pois não era preciso ensinar mais de uma vez o que eles tinham que fazer.

Todo velho antigo gostava de um doido, era. Por que o doido é o seguinte: a senhora pede uma coisa e ele vai sorrindo, ele vai contente. Não reclama nada não. (HENRIQUES NETO, 2005).

Entre as fotografias, tem uma 3x4 (Ver ANEXO E) de uma figura que ficou muito conhecida na cidade como “Fureca”, ele viveu na mesma época de Chico Barroso. Além dessas fotografias, conseguimos digitalizar mais três imagens de Chico, uma imagem de Rapsa e uma de seu pai, Halis. Portanto, apesar de um dos objetivos desta pesquisa ser analisar o modo como o conceito de loucura foi se modificando no decorrer do tempo, a ênfase deste capítulo é na análise qualitativa da história de vida de Rapsa e Chico Barroso. Isso só foi possível graças ao uso das entrevistas.

No dia 15 de Maio foi realizada a entrevista com o senhor Dumas Halid Mohamed Soleiman, que também relembrou vários assuntos e rendeu boas histórias. Senhor Dumas é irmão da finada Rapsa. Seu pai foi o senhor Halid Mohamed Soleiman (Ver ANEXO F), mas conhecido como seu Halis. Nascido em Jerusalém, foi morar em Recife, fugindo da guerra, e depois se mudou para Pocinhos, para logo em seguida se instalar definitivamente com a família na cidade de Picuí – PB, no início do século XX. Portanto, o senhor Dumas viria a nascer em 10 de Março de 1938, na cidade de Picuí. Sua irmã, Rapsa, nasceu aproximadamente 10 anos depois. Além deles dois, o pai teve mais três filhos com dona Ritinha. Há uma suspeita da existência de uma segunda esposa e outros filhos não oficiais.

Quando foi perguntado sobre o que fez sua família sair de Jerusalém e vir para Picuí, Seu Dumas não hesitou em responder que foi por causa do minério. Como já foi dito antes, Picuí é uma cidade muito rica em minérios e foi isso que fez o senhor Halid ficar e permanecer na cidade até o resto da sua vida. Vale salientar que eles são a única família descendente de árabes que constituiu em Picuí, chegando mesmo a se tornar uma das famílias mais ricas da cidade (se não, a mais rica). O que aconteceu com o dinheiro e as fotografias da família, depois da morte do senhor Halid, é um mistério ainda não esclarecido.

Até antes da morte do pai, Rapsa era uma moça comum da sociedade picuiense, chegando mesmo a se tornar princesa da festa de São Sebastião, quando era jovem. Foi estudar em regime de internato no Colégio de Freiras de Areia. No entanto, não chegou a concluir os estudos, pois pediu pra voltar antes do ocorrido. Ao voltar para casa, os problemas começaram, pois sempre que seu pai lhe dava dinheiro para comprar o necessário, ela comprava bebida alcóolica.

Quando pai dava dinheiro a ela, sabe? Pra ela comprar o que a moça precisa. Aí, ela invés de comprar confeito, essas coisas, ela ia beber. Tinha bar que ela bebia e não pagava (SOLEIMAN, 2015).

Fato que deixava a família triste, pois na época moça de família não era bem vista frequentando bares. Tinha até alguns lugares que a família fazia com que o dono não pudesse vender, chegando muitas vezes a recorrer à justiça para tais proibições. Os insultos dos moleques na rua também incomodavam, ao ponto deles recorrerem novamente à força da justiça para inibir esse tipo de comportamento. Mas ela sempre dava um jeito de sair de casa e conseguir bebida. Segundo seu Dumas, ela começou a beber já certa idade:

[...] ela quando não bebia, ela, era bom pra gente, sabe? Ela andava direitinho. Os meninos não insultavam ela, por que a gente denunciavam na justiça. Aí foi no tempo que a vereadora, a vereadora Nadilza, já falecida. Foi quem levou ela mais os enfermeiros, pra internarem ela no abrigo dos velhos. Aí ela saia do abrigo dos velhos e vinha beber na cidade. Aí voltava lá pra casa. Aí lá em casa saia e ia beber. Aí internaram ela (SOLEIMAN, 2005).

Nessa época, não havia nenhum lugar para o tratamento de pessoas que se envolviam com álcool ou qualquer outro tipo de droga lícita, ou ilícita na cidade de Picuí. A situação chegou ao ponto de Rapsa ser internada no asilo dos idosos, que até hoje existe na cidade, depois da morte dos pais. A partir de então que ela foi declinando. O uso de medicação controlada, junto ao álcool (na ocorrência de suas inúmeras fugas), acabou prejudicando irreversivelmente sua saúde, ao ponto de vir a falecer depois de pouco tempo de internada. Mas, afinal, como era Rapsa?

Ela era comum, sabe? Ela era, na época era estudante, juntamente com outra minha irmã. Foram estudar em Areia, no Colégio das Freiras. Depois ela saiu e veio morar em Picuí, aí depravou-se, sabe? Vivia bebendo, dando trabalho a gente. Aí foi internada. Bebia, tomava remédio controlado. Aí ofendeu a ela. Aí ela faleceu (SOLEIMAN, 2015).

Vale salientar que Rapsa nunca chegou a namorar, nem casou ou teve filhos. Quando seu Dumas fala que ela depravou-se, não é no sentido de perversão sexual e sim no sentido moral. Mas por que estamos falando sobre Rapsa, em um trabalho sobre a loucura? Porque pessoas como ela e Lima Barreto, por exemplo, tiveram algo em comum: o gosto pela bebida alcóolica, que acabou se tornando um vício depois da morte de um ente querido. No caso de

Rapsa, o pai e, em seguida, a mãe. No caso de Lima Barreto, a esposa. Ambos acabaram internados em clínicas numa tentativa de reabilitação. A diferença é que, como em Picuí nessa época não tinha nenhuma local adequado para seu tratamento, ela foi internada no asilo dos idosos. Da mesma forma, o local que internaram Lima Barreto também não era apropriado para o seu tipo de caso. Além deles, muitos outros foram colocados na mesma ala dos loucos, apenas por possuírem algum vício.

Mas personagem como Francisco Barroso de Azevedo, mais conhecido como Chico Barroso (Ver ANEXO H), era indiscutivelmente louco. É o que afirma sua própria sobrinha, Rosilda Bezerra de Azevedo, em entrevista concedida no dia 01 de Junho de 2015, em sua residência. Na entrevista ela afirma que é sabido que se havia um louco dentro de Picuí, esse louco era Chico Barroso. Nascido no dia 03 de Outubro de 1923, num sítio localizado na zona rural de Picuí.

[...] ele nasceu no sítio. Agora eu não sei se foi no sítio Morada Nova, ou se foi num sítio chamado, que tem um sítio chamado, as Éguas. Foi num desses dois sítios. Ou num, ou noutra (AZEVEDO, 20015).

Sua mãe era Dona Ursa Maria da Conceição e seu pai Pedro Vital de Negreiros. Desde criança ele já apresentava características de loucura. Chico Barroso era jovem na época em que se ouvia muito falar em “fazer capão”. Certo dia, os familiares saíram para resolver negócios na cidade e Chico ficou sozinho em casa. Ao retornarem, o susto: ele havia matado todos os galos e galinhas, na tentativa de fazer o tal do “capão”. Tudo isso acima pode ser confirmado nesse trecho da entrevista, quando perguntado a sua sobrinha, Rosilda, se Chico Barroso já apresentava características de loucura desde criança, ela respondeu:

Desde criança. Nessa época, ele era rapaz novo e o pessoal tinha uma história de fazer capão. Você já ouviu falar? Aí vovó, era fraca também. Meu avô, minha avó, eram fracos. Aí o que aconteceu...vó tinha um terreiro de galinha e galo, né? Aí, ele ouviu essa história de fazer capão. E o que acontece? Ele foi fazer capão nos galos, aí fez galo, galinha e tudo, de capão. E quando vovó chegou “tava” o terreiro lastrado de galo e galinha morto (AZEVEDO, 2015).

Chico Barroso era uma figura curiosa, ao mesmo tempo em que gerava medo, também gerava fascínio. Aliás, uma característica atribuída a ele era a inocência. Por não ter estudado, ele acabou se tornando um adulto infantilizado, com um vocabulário pobre, o que fazia com que poucos entendessem o que ele falava. Só os membros da família e os mais próximos compreendiam relatividade o que ele queria transmitir. Não chegou a ser alfabetizado, talvez por isso seus balbucios causavam estranheza e medo na maioria das pessoas. Pessoas como Chico Barroso e Rapsa foram vítimas de chacotas e apelidos dados por moleques na rua, por serem incompreendidas pela maioria. Quando foi perguntado se ele

havia frequentado a escola, Rosilda respondeu: “Não. Ele só sabia o que era o beabá por que era a cantiga dele: beabá, beabá, bé, bé, bé, bé, bé. [...] a gente entendia a linguagem dele, mas muitas pessoas não entendiam [...]” (AZEVEDO, 2015).

O que se sabe com certeza é que ele comia todo tipo de porcarias e imundície que lhe ofereciam. Além disso, restos de animais, olhos, ossos, sangue, enfim, tudo que não prestava. Em consequência disso, adoecia da barriga, mas nunca chegava a ser levado ao médico, como afirma sua sobrinha, Rosilda:

[...] não sabia nem o que era médico. É tanto que ele faleceu e a gente não sabe qual era o problema dele. O remédio dele era, ele tinha muita dor na barriga, devido a comer muitas porcarias, né? Besteira, “seboseira”, tudo. Aí, ele sentia muita dor na barriga e o que curava a dor da barriga dele era terra. Ele chegava, tinha uma terrinha fina, esfregava na mão e esfregava na barriga e ali era o remédio dele (AZEVEDO, 2015).

Talvez por causa disso, aos poucos sua saúde foi ficando debilitada, e quando finalmente conseguia sair da cama, voltavam a lhe oferecer coisas que faziam mal, com isso ele ficava doente novamente. Desse modo, acabou falecendo aos 66 anos de idade, na residência em que morava com sua mãe, na zona rural de Picuí.

Mesmo diante disso, esses sujeitos foram acolhidos e até mesmo respeitados por alguns membros da sociedade, transformando-se em figuras emblemáticas e místicas. Muitas pessoas vinham de longe para pagar promessas bem sucedidas, feitas em nome de Chico Barroso. Ele acabou se transformando numa espécie de santo para algumas pessoas, que muitas vezes, vinham de outras cidades para conhecer o quarto onde ele havia morrido, afirmando ter sonhado com ele e que haviam recebido uma cura. Quarto este que dele brotava uma água nas paredes, lenda que transmitida, transformou o local numa espécie de santuário, enquanto sua mãe ainda era viva. Depois da morte dela, os familiares (que eram donos da residência), retiraram todos os objetos, assim como as imagens dos santos que havia no local e mandaram derrubar o quarto (AZEVEDO, 2015).

O filho maior de Picuí com aspectos de loucura de maior longevidade foi Chico Barroso. Nascido na região das Éguas, próximo a Frei Martinho, Chico Barroso era a uns setenta anos aproximadamente, completamente louco da cabeça. Andava sempre descalço, esmolambado, falando sozinho para ninguém, pelas empoeiradas estradas no nosso interior do Curimataú. Em tempos distantes Chico Barroso, juntamente com o doido Pincel de Currais Novos, acompanhava pelas ruas da cidade, na grande Festa de Janeiro, de São Sebastião, a Bandinha de Música Cel. Antonio Xavier, n’uma prova de que, até os loucos têm também as suas sensibilidades. Chico Barroso, um louco, que nunca ofendeu ninguém, é também História da cidade de Picuí (ARAÚJO, 1991: 201-202).

O espaço que o escritor Heleno Henriques reserva aos loucos em seu livro, *A Carne de Sol de Picuí* (1991) é o mesmo que o dos doutores, ou seja, entre os filhos maiores de

Picuí. Apesar do espaço do livro ser curto, foi fundamental, pois foi lendo esse livro que soubemos da existência de Chico Barroso. Foi justamente por causa da curiosidade de saber mais sobre essas personagens folclóricas, que fez surgir esta pesquisa.

Chico Barroso e Rapsa foram figuras totalmente diferentes uma da outra. Ela veio de família rica, ele de família simples. Ela acabou se envolvendo com bebidas alcóolicas, ele preferia fumar seu cachimbo. Ela não era louca, ele foi considerado o homem mais louco da cidade por um membro da própria família. Ora, alguém pode afirmar que o alcoolismo se enquadra nas patologias da loucura. O sujeito que procura algum tipo de paliativo para sair da realidade não pode ser considerado louco. “Loucura é esta renúncia do mundo; loucura, o abandono total a vontade obscura de Deus; loucura, esta procura cujo fim não se conhece” (FOUCAULT, 1961).

Foi apenas em 2009 que o Caps de Picuí foi inaugurado. Mas isso não quer dizer que o tratamento destinado às pessoas com “problemas psicológicos” seja bem efetivado. Mesmo nos dias de hoje, ainda há inúmeras lacunas que precisam ser preenchidas. A falta de documentos oficiais sobre a história da loucura em Picuí faz com que muitos fatos importantes tenham acontecido e não puderam ser narrados. Por isso mesmo, essa é uma história que merece ser mais bem conhecida e contada. Há ainda muitos outros personagens que mereciam destaque neste difícil trabalho.

## CONCLUSÃO

A lição que aprendemos com a loucura é a de que os hospícios nada foram além de que lugares para depósito dos indesejados, o que o transformava numa verdadeira alegoria do inferno. Gritos, gemidos de dor e de pavor eram ouvidos dos seus corredores. Milhares de vidas foram ceifadas covardemente, na maioria das vezes por serem apenas diferentes. Uma mulher foi internada no hospício de Barbacenas com o diagnóstico de tristeza, outra por que reivindicou receber a mesma quantia em dinheiro que os irmãos recebiam, no roçado do pai. Um garotinho foi deixado por ter hidrocefalia. Acabou definhando, depois da primeira e última visita do pai (Arbex, 2014). Muitos outros casos comprovam que os rebeldes e indesejados eram jogados nesses lugares, que acabaram se transformando num tipo de prisão.

O período mais sombrio da história da loucura, a nível global, foi sem dúvida o século XVII, ou seja, o século do “Grande Enclausuramento”, pois nessa época não havia políticas públicas que regessem as normas desses lugares. No Brasil, foi apenas no século XIX que se iniciou a parte mais sombria da sua história da loucura. Vai demorar pelo menos um século para que essa história comece a tomar rumos menos desumanos, com a criação de leis e de profundas reformas institucionais.

À luz de todas essas constatações, percebemos que o conceito de loucura vai se modificando de acordo com as épocas. Disso nós já sabemos, mas vamos tomar como exemplo o caso da própria personagem do nosso trabalho, Rapsa. O fato dela ser uma mulher em meados do século XX, mesmo sendo descendente de uma família importante da cidade, e de se tornar alcóolatra, fez com que ela sofresse diversas formas de preconceito e agressão. Fora humilhada, enxotada, apedrejada, só pelo fato de estar alcoolizada em vias públicas. O que não mudou foi o fato da loucura continuar gerando medo e fascínio na maioria de nós. Em todo lugar sempre vai existir figuras como Rapsa e Chico Barroso, pois eles são universais.

Por fim, em Picuí, os sujeitos considerados loucos foram ao mesmo tempo, acolhidos por alguns e insultados e humilhados por outros. Mas no geral, essas pessoas foram bem acolhidas pelos familiares e os membros próximos à família. O que é certo é que, esses sujeitos, considerados loucos por muitos, mesmo em meio a situações constrangedoras, sempre arranjavam um meio de se divertir e sair da rotina.

## REFERÊNCIAS

### 1. BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. Fontes Históricas. In: PINSKY, Carla Basanezi. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1995.

ARAÚJO, Heleno Henriques de. **A Carne de Sol de Picuí**: Um livro histórico sobre o município de Picuí. João Pessoa, 1991.

In: \_\_\_\_\_. **Antologia da Acauã**: A História de Picuí e do Curimataú da Paraíba. João Pessoa, 1983.

In: \_\_\_\_\_. **Família Henriques**: 200 anos de Picuí e Famílias V.I.P. João Pessoa, 2008.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BURKER, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. In: A História Vista de Baixo. São Paulo: UNESP, [s.d], p. 39-62.

COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**: Um Corte Ideológico. – 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da Ordem**: A doença mental na República: Brasiliense, São Paulo, 1990, p. 126-143.

FRAYZE - PEREIRA, João A. **O que é loucura**. Editora Brasiliense S.A: São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Loucura antes da História**. In: R J Ribeiro; (Org.). Recordar Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1975.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 7-23.

GOULART, M. S. B. **A Construção da Mudança nas Instituições Sociais**. A Reforma Psiquiátrica: Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João Del-Rei, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LANCETTI, Antonio. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2014.

LEADER, Darian. **O que é loucura**: delírio e sanidade na vida cotidiana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEZES, José. **O sujeito e a loucura**: o pobre e o louco na sociedade moderna. Revista **Mente, Cérebro & Filosofia**. São Paulo: Duetto Editorial, 2011.

PORTOCARRERO, Vera. **Arquivos da loucura**: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

SILVA, Giselli Lucy Souza. **A doença mental e a reforma psiquiátrica representada por profissionais de saúde**. João Pessoa, 2014.

STOCKINGER, Rui Carlos. **Reforma psiquiátrica brasileira**: Perspectivas humanísticas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Domínios foucaultianos**. In: Foucault e a Educação. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35-85.

## 2. LITERÁRIA:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Ática, 1998.

HENRIQUES NETO, Araújo. **A voz de um homem rude**. Gráfica Laser: Picuí, 2001.

LIMA BARRETO, Afonso Henrique de. **Diário do hospício**: o cemitério dos vivos. São Paulo: Brasiliense, 1956.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. 2º Ed. São Paulo, Escala: 2008.

## 3. INTERNET:

CALOMENI, Tereza Cristina B. **A “secreta fundação” da psiquiatria: considerações sobre a análise foucaultiana da história da loucura**. Fractal, Rev. Psicol. vol.22 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2010, p. 4. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922010000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922010000100005&script=sci_arttext)>.

CANDIOTTO, Cesar. **Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault**. Kriterion, vol. 48 no. 115, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100512X2007000100012&script=sci\\_arttext&tlng](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100512X2007000100012&script=sci_arttext&tlng)>. Acesso em: 18 de Jan. de 2015.

CARVALHO, Joselice Moreira de Souza; CARVALHO, Lísia Moreira, WEBER, Luciana Alves Oliveira. **Abordagem teórica sobre a loucura e sobre a reforma psiquiátrica no Brasil**. Centro Científico Conhecer, Goiânia, Enciclopédia Biosfera N.07, 2009. Disponível

em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2009/abordagem%20teorica.pdf>>. Acesso em: 08 de Mai. de 2015.

RIBEIRA, Bruno Alvarenga; PINTO, Viviane Aparecida. **Entrando na “nau dos loucos”**: Breve revisão da história da loucura e seus desdobramentos. Disponível em: <<http://portaldearquivosdoprofessor.uniformg.edu.br:21013/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/viewFile/50/77>>. Acesso em: 05 de Mai. de 2015.

TENÓRIO, F. **A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais**: história e conceito. História, Ciências, Saúde Manguinhos. Rio de Janeiro, vol. 9: 25-59, jan.-abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v9n1/a03v9n1.pdf>>. Acesso em: 01 de Jun. de 2015.

#### **4. AUDIOVISUAL:**

FORMAN, Milos. Um estranho no ninho (One Flew Over the Cuckoo’s Nest). EUA, 1975. 134 min. Cor.

MANGOLD, James. Garota interrompida (Girl, interrupted). EUA, 1999. 127 min. Cor.

RATTON, Helvécio. Em nome da razão – um filme sobre os porões da loucura. Barbacenas: Grupo Novo de Cinema e TV e pela Associação Mineira de Saúde Mental, 1979. 25 min. Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=07p3y-OLDAA>>. Acesso em: 12 de Mar. de 2015.

SILVEIRA, Nise da. Imagens do Inconsciente, “Em busca do espaço cotidiano” – Fernando Diniz. Rio de Janeiro: Leon Hirszman Produções, 1957. 160 min. Cor. Disponível em: Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=rG8TwLLtveE>>. Acesso em: 10 de Mai. de 2015.

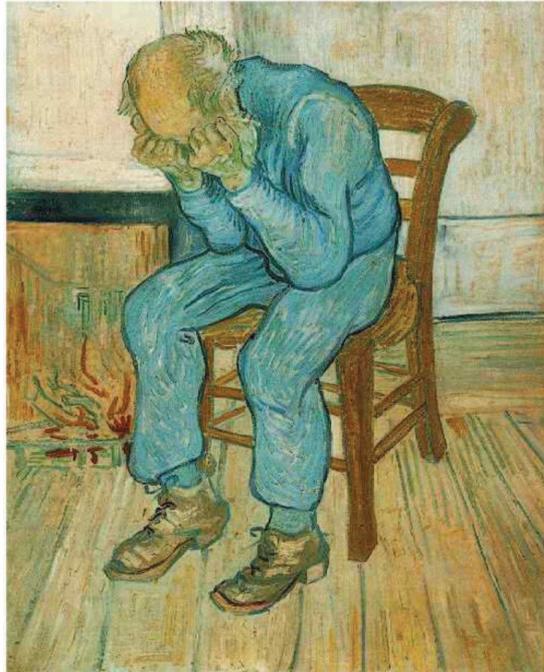
#### **5. ENTREVISTAS:**

AZEVEDO, Rosilda Bezerra. Entrevista concedida a Mayara Ferreira Marçal. Picuí, 01 de Jun. de 2015.

HENRIQUES NETO, Antônio. Entrevista concedida a Mayara Ferreira Marçal. Picuí, 12 de Mai. de 2015.

SOLEIMAN, Dumas Halid Mohamed. Entrevista concedida a Mayara Ferreira Marçal. Picuí, 15 de Mai. de 2015.

**ANEXO A – THE OLD MAN IN SORROW (1890)**



**ANEXO B - PHILIPPE PINEL RELEASING LUNATICS FROM THEIR CHAINS AT THE SALPETRIERE ASYLUM IN PARIS DE TONY ROBERT-FLEURY (1795)**



**ANEXO C – CHICO BARROSO**



**ANEXO D – CAPITÃO RABO DE GALO**



**ANEXO E – FURECA (3x4)**



**ANEXO F – SEU HALID MOHAMED**



**ANEXO G – RAPSA**



**ANEXO H – CHICO BARROSO**

